



#01-2015

para diferentes caminhos metodológicos

frases sem medo

lésbica

falo
mesmo

poesias

riot grrrl

Projeto Didática-zine

Capa e Contra Capa

Camila Puni



Acesse a versão online: <https://www.academia.edu/10717252/Didática-zine>

(objetiva-se a máxima difusão dos textos permitindo a livre reprodução
desde que citadas as autoras e fontes aqui reunidas)

Criação, produção de texto e execução do projeto:
Camila Olivia de Melo (Puni)

Pesquisa de imagens, produção de colagens e revisão textual:
Halina Rauber Baio

Criação e produção de colagens: Carla Duarte

Assessoria Pedagógica e Feminista: Denise Cruz

Coordenador do Curso Gênero e Diversidade da Escola: Marcos Signorelli

Vice-Coordenador: Jamil Cabral Sierra

Coordenador de Tutoria: Clóvis Wanzinack

Coordenadora do Núcleo de Educação à Distância da UFPR Litoral:

Ana Christina Duarte Pire

Coordenador Pedagógico: Daniel Canavese de Oliviera

Apoio Administrativo: Daniela Schneider

Revisão ortográfica: Tatiane Valéria Carvalho

Instituição apoiadora: UFPR – Setor Litoral e Curso de Especialização em
Gênero e Diversidade na Escola

2015
UFPR-Litoral - Matinhos - Curitiba-PR

“Eu comecei a escrever porque eu tinha essa
vontade dentro de mim, essa vontade de criar algo
que ainda não estava lá.”

“Nossos sentimentos são nossos mais certos
caminhos para o conhecimento.”

“Você sempre aprende a partir da observação.
Você tem que sacar as coisas não verbais porque
as pessoas nunca vão te dizer aquilo que você deveria saber.
Você tem que perceber isso por você mesma:
qualquer coisa que seja para a sua própria sobrevivência.
Você se torna forte quando começa
a fazer as coisas que te fazem forte.
E é assim que a verdadeira aprendizagem acontece.”

Audre Lorde (1981) – tradução livre nossa.
Escritora, poeta, ativista feminista.
Negra, lésbica, metade Caribenha e metade Norte Americana.

Carta de Apresentação

Querido/a leitor/a,

Novas ideias e diferentes caminhos podem se abrir nessa longa e cansativa trilha de enfrentamento às fobias (homo, lesbo, trans, bi), ao racismo e aos preconceitos mais naturalizados manifestados em ambientes educativos. Isso porque, mais do que fornecer receitas ou cartilhas técnicas de procedimento, você tem em suas mãos um material que se propõe aberto e questionador-questionável.

Pensando que os fanzines sempre tensionam, criticam e provocam emoções diversas, nossa Didática-zine possui tudo isso e muito mais. Tentamos aqui misturar linguagens e assim mesclar estéticas das subculturas com termos e conceitos teóricos. Mais do que apontar caminhos, tentamos desenhar mapas para a sua livre interpretação e para a tomada de novos rumos.

Acreditamos que a iniciativa em distribuir um material que leve "zine" em seu título já possibilita uma maior apropriação das ideias que perpassam suas páginas. Com zines é possível xerocar novas cópias, anotar alguma nova informação em suas folhas, recortar saberes, colar e descolar nossos próprios preconceitos e rever antigas ideias-palavras, pois acabamos por aprender tantas outras tantas novas.

A mídia alternativa radical "fanzines" apresenta-se, principalmente, como folha sem pauta, pronta para exercitar, de maneira tátil, teorias, temáticas diversas e disciplinas do currículo. Além disso, pode decantar sofrimentos, tranquilizar aprendizagens, destravar palavras e números; com seu exercício de recortar, colar e expressar as próprias mensagens, chega a alcançar fendas da própria subjetividade. Assim sendo, desejamos a todxs bom proveito-experiência-experimentação desse material!

Com carinho e potência feminista,

Axs organizadorxs.

Sumário

1. Introdução	06
2. Dicas para uma conversa sobre: sexualidade, gênero, raça e etnia	09
3. Compartilhando caminhos metodológicos	19
3.1 Quadrinhos, ilustrações e tirinhas.....	19
3.2 Fanzines	23
3.3 Fanzines como projeto educativo	25
3.4 Como fazer um minifanzine.....	28
4. Na ponta da língua	29
5. Dicas de filmes	32
6. As autoras	34
Referências	36

1 Introdução

Nessas primeiras palavras gostaríamos de dizer um pouco sobre as ideias que floresceram para a criação deste material e, claro, contar como a Didática-zine surgiu. Essa cartilha com cara de fanzine representa uma mistura de linguagens que mescla conceitos acadêmicos com a estética das mídias alternativas e radicais dos zines. Assim, acreditamos em sua potência em aproximar diálogos cotidianos e debates acadêmicos aos ambientes educativos formais ou não formais.

É interessante contar sobre a experiência que tivemos com o Curso de Aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola no período entre 2013-2014, pois notamos uma singular dificuldade em tornar orgânicas as temáticas de gênero e diversidade sexual debatidas durante o curso. Isso quer dizer que por mais que possibilitemos saberes teóricos, as experiências educativas precisavam também de incentivo metodológico. Isso nos forneceu intensos questionamentos para refletir sobre **como** os conteúdos são difundidos e ainda sobre a maneira em que costumamos agir metodologicamente. Refletimos com isso se, em nosso cotidiano educativo, repassamos velhos estigmas, mantivemos cristalizados estereótipos, ou se já conseguimos perturbar em nossa prática pedagógica a matriz de gênero e suas normas de existência.

Nesse sentido, a Didática-zine foi idealizada e planejada principalmente por meio das dúvidas, dos anseios e das curiosidades levantadas ao longo do curso, e inspiradas em Audre Lorde, por uma vontade dentro de nós em criar algo que ainda não estava lá.

Nesse sentido, nas temáticas aqui reunidas e como elas foram sendo montadas, demos prioridade aos debates de gênero e diversidade sexual. No entanto, não pudemos deixar de lado uma atitude interseccional, levantando questões que dizem respeito a relações étnico-raciais e, em alguns momentos, sobre capacitismo, trans-lesbo-homofobia e gordofobia. Priorizamos, também, a inserção de arte feita por feministas autônomas brasileiras¹, de imagens onde os gêneros não são definidos, ou até mesmo de figuras de animais não humanos para nossas ilustrações - isso para utilizarmos ao máximo a estética dos zines como ferramenta de comunicação. Comunicamos, então, de maneira alternativa, conceitos já tão consolidados nos livros de teoria.

A primeira seção é a **Sexualidade, Gênero, Raça e Etnia**. Aqui reunimos o maior número de metodologias, de “como fazer” para abrir diálogo às nossas temáticas, a fim de que sejam como **Dicas para uma conversa**. Queremos ressaltar que não há como abordar uma totalidade de metodologias, por isso separamos as que mais nos trouxeram sorrisos e descobertas.

Quadrinhos, Fanzines e Ilustrações - abre nossa seção três: **Compartilhando Caminhos Metodológicos**. Nesse espaço abrimos nossa pasta de favoritos e compartilhamos um pouco do que

¹ Na seção **Quadrinhos, Ilustrações e Tirinhas**.

absorvamos na internet, principalmente em relação a quadrinhos, ilustrações e tirinhas. Ainda nesse tópico, trouxemos a mídia alternativa **Fanzine**, dicas de como utilizar os **Fanzines como projeto educativo**, e uma colagem compartilhando passo a passo **Como fazer um minifanzine**.

Nossa quarta seção é **na ponta da língua**. Uma seção que requereu certa ousadia. Dizemos isso porque arriscamos dar algumas sugestões de respostas àquelas situações cotidianas em que somos provocadas/os, tensionadas/os ou até mesmo desafiadas/os a lidar. Propomos frases rápidas, possíveis respostas eficazes e perturbadoras.

A quinta e última seção é **Dicas de Filmes**, a colagem que abre é de Cala Duarte. Na escolha tentamos trazer os mais clássicos, mas também os filmes mais atuais e alternativos sobre nossas temáticas. Interessante notar que os filmes sugeridos servem muito mais como instrumento de pesquisa do/a próprio/a professor/a, do que para uma exibição rápida em sala de aula. Sim, eles são ótimas ferramentas de debate e por isso pedem uma continuidade a sua exibição, no mínimo uma roda de conversa.

Sinta-se a vontade para destacar, amassar, repassar, anotar e perverter as páginas desse fanzine. Que a Didática-zine lhe traga novos ares e mais trocas de experiências em ambientes educativos do que explicações teóricas, porque é disso que se trata esse fanzine: troca de experiências e afetos.

neste verão proteja-se da
heteronormatividade



homem-coala
+ rans

ela prefere ser
chamada de nick

riot girl

Diversidade nunca acaba

Baby e Kids Sem Lágrimas FPS 50
B, além de permanecerem
ar, piscina, suor, areia,
e 40°C.

Criticidade e
Proteção onde você estiver.

riot girl



J.N.



se joga bee !!

Camila Pini (2015)

2 Dicas para uma conversa sobre: sexualidade, gênero, raça e etnia

Separamos algumas metodologias populares para iniciar uma conversa sobre nossas temáticas. A primeira é a **caixa de diálogo**, a segunda, **situações cotidianas**, depois, **falas de experiências**, seguida por **casos da grande mídia** e, por fim, **dinâmicas corporais**. Com essas ferramentas fica mais fácil começar a conversa e abrir espaço de escuta e desabafo dos/das jovens envolvidas.



Fonte: Coletivo Maracujá Roxa

Caixa de diálogo

Processo: Construção, em conjunto (professores/as e educandos/as), da caixa. É possível que cada educando/a traga para a caixa algo de sua personalidade, seja uma palavra, um desenho ou recorte. Aqui o objetivo é dar espaço para a formulação de perguntas.

Sugestão de materiais: Caixa de papelão (médica), que possa ser fechada; revistas; cola; tesoura; fitas de tecido; durex colorido e canetão.

Proposta: Na primeira aula é possível mostrar a caixa e os materiais e explicar verbalmente que nessa caixa podem entrar – anonimamente ou não – todos os tipos de dúvidas, situações, denúncias e desabafos sobre a temática diversidade sexual e gênero para serem discutidas e debatidas em sala. Num segundo momento, é hora de ilustrar e deixar a caixa com a cara da turma. No terceiro, é possível distribuir papel (já do tamanho para poucas palavras) e pedir para

que quem quiser escreva anonimamente qualquer situação que deseje discutir ou saber mais e coloque na caixa. A partir daí, sugestiona-se separar 15min de cada aula para discutir uma situação. É possível separar 15min de cada aula, onde se abre o diálogo sobre o que será feito.

Alerta: É importante nos atentarmos quanto ao seu mau uso, assim como observou um de meus cursistas do GDE, o prof. Rodrigo Ramos, em uma de suas atividades. *“Não são raras atividades como a caixinhas de sugestões, onde os alunos podem fazer perguntas sobre sexo de maneira anônima, respondidas pelos professores de maneira parca, alertando tão somente para o risco de infecção por DST e a gravidez na adolescência, sem discutir as construções de feminilidades e masculinidades que envolvem a sexualidade, mantendo a hierarquização de gêneros e o sexo como um ato perigoso e*

transmissor de doenças.” A proposta dessa caixa de diálogo pretende escapar da manutenção dessa elaboração de estereótipo de gênero ou mesmo sobre sexualidades. Aproveite as dúvidas e os questionamentos dos alunos/as para, mais do que responder de fato às perguntas, problematizar e debater essas questões que são uma constante descoberta para todos/as.

Quando usar? Essa técnica é mais bem aceita quando já há muita dúvida, muita conversa sobre o tema, afetividade e curiosidade sobre corpos e desejos. Ou ainda, quando algum caso ou situação escolar incita os/as próprios/as jovens a saber mais.



Mural de reflexão sobre situações cotidianas

Processo: Construir uma cultura da situação. Isso significa sempre que possível trazer para dentro do ambiente educativo uma situação de grande comoção, de grande dúvida ou preconceito. O objetivo é debater situações polêmicas e questionar os estereótipos que geralmente são levantados nestes momentos. O mural funcionaria também como uma espécie de sintetizador de ideias cotidianas.

Sugestão de materiais: Canetinhas, cartolina e/ou papel pardo (é possível ainda imprimir alguma frase ou trecho de filme/livro) para elaboração de alguma frase que dê início à reflexão da turma. (Essa frase “motivadora” pode ser, por exemplo, “Esse ambiente é livre de homofobia e racismo.”). Conforme outras situações forem sendo apresentadas, outras

frases ou palavras podem ir sendo agregadas à este mural, de modo a sintetizar a reflexão à que se chegou após os debates.

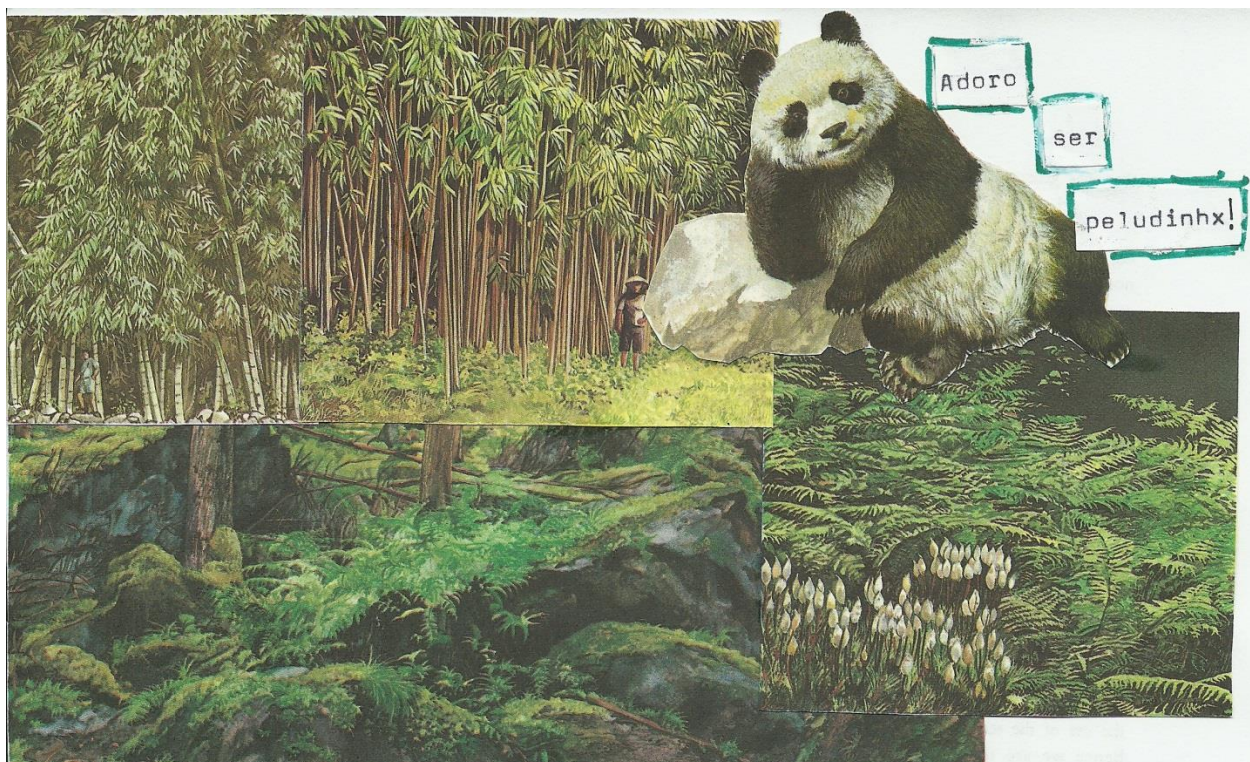
Proposta: Conversar brevemente e deixar nítidas a abertura para conversas sobre temáticas polêmicas. A proposta é estar atento/a aos silenciamentos que perpassam situações cotidianas, estar alerta àqueles/as jovens que por algum motivo são quietos/as demais, falantes demais, agressivos/as demais, femininos “demais”, masculinos “demais” ou que possuem uma corporalidade não normativa que foge ao padrão de beleza europeu. Percebendo os/as jovens que não se enquadram na norma, que não se encaixam na turma, é possível sempre formular uma palavra de conforto. Para trabalhar as

temáticas de sexualidade, gênero, raça e etnia é preciso estar com olhos atentos e uma sensível percepção aos temas de conversa, às falas em corredor e, principalmente, às agressões verbais entre os/as jovens. Aqui o principal material nada mais é do que a **percepção**. O grande *click* da situação cotidiana é intervir imediatamente quando percebida uma ação de agressão ou desrespeito às diferenças.

Alerta: Como conciliar o envolvimento com as temáticas de gênero, sexualidade, raça e etnia com o dever de “vencer os conteúdos”? Nesse sentido, pensar em sala o que de fato a turma precisa naquele momento. É possível propor um determinado horário de aula semanal, por exemplo, toda sexta-feira, que fica reservado para esse debate.

Quando usar? Essa ferramenta deve ser aliada à sensibilidade dos/das professores/as.

Isso porque as palavras que estiverem no mural podem ser resgatadas para resolver situações pontuais de preconceito em sala de aula: *“Essa situação se relaciona com o que já vimos, com a palavra que está ali no mural”*. Essa ferramenta também necessita encorajamento e informação, pois é necessário estar em um ambiente confortável para intervir e dizer algumas palavras que possam apagar o fogo que foi premeditado, ou que foi, como dissemos, percebido. Geralmente essa frase pode ser usada em qualquer lugar, nos caminhos entre o pátio e a sala, entre a sala e o refeitório, mas principalmente em sala de aula. Isso faz com que percebam que ali é um ambiente onde se sabe o que são opressões, como, por exemplo, racismo e homofobia.



Fonte: Coletivo Maracujá Roxa

Falas de experiências

Processo: O objetivo é possibilitar um espaço de fala e escuta entre participantes acerca de situações e realidades colocadas em questão. Aqui a ideia é proporcionar uma troca de experiências, e essa troca pode estar relacionada a diversos temas. A que sugestionamos aqui é sobre diversidade sexual e gênero. Nos arredores dos ambientes educativos sempre há os/as jovens que se comunicam mais, que se expressam de formas diferentes da nossa.

Sugestão de materiais: Máquina fotográfica, lápis e papel.

Proposta: Situação disparadora - Em uma rápida conversa com a turma é possível encontrar os/as jovens que mais se destacam em relação ao seu gênero, às suas roupas, à sua forma de viver. Lançando a seguinte

pergunta na sala: “o que poderíamos perguntar a tal pessoa?” surgem questionamentos por parte dos/das alunos/as, algumas perguntas agressivas – que podem ser debatidas e questionadas nesse momento – e outras interessantes, mas o principal é deixar falar. Durante esse *brainstorm* as perguntas mais interessantes (escolhidas tanto pelo/a professor/a como pelos/as educandos/as) vão sendo anotadas. A partir desse momento, pode-se procurar alguém (aluno/a ou não) que esteja disposto/a a vir à sala de aula nos 15 ou 20 minutos finais ou iniciais da aula, para uma “entrevista” com um roteiro de perguntas já previamente definido, ficando acordado que durante a entrevista serão feitas apenas as questões já elaboradas. Assim, a pessoa poderá responder

a partir da sua própria experiência sobre essa diferença que tanto chama a atenção das pessoas. Essa elaboração de roteiro evitará que perguntas constrangedoras ou que fujam da temática agredam o/a entrevistado/a. Um caso interessante é convidar (se for de acordo com a turma) uma jovem que gosta de ser chamada por um nome de menino e que se veste como tal, ou mesmo ao contrário, um corpo que antes vestia roupas tidas como masculinas e agora prefere saia e esmalte. Ao final, caso a turma tenha um blog ou uma página na web, é possível tirar fotos, ou até deixar responsável pelas imagens algum estudante que não se interessou muito pela conversa.

Alerta: Ao convidar o/a aluno/a, primeiro perguntar se este quer realmente participar, mas também perceber a posição da turma em relação a pessoa/situação. Essa atividade depende muito da maturidade da turma para ser realizada, e o mais importante é não deixar a turma nem a pessoa que foi entrevistada em

situação constrangedora, porque elas convivem em um mesmo ambiente escolar. É importante, também, estar alerta e sensível, tanto para ver a capacidade da turma de desenvolver uma atividade respeitosa, como para perceber se a pessoa que pensaram em convidar está segura e tranquila para responder as dúvidas. Uma alternativa é mostrar o roteiro de perguntas para o/a convidado/a no momento do convite. O instrumento roteiro serve para dar mais segurança ao/à professor/a (e também à/ao entrevistado/a), não significa que identificando alguma dúvida pertinente esta não possa ser inserida na atividade.

Observação: Essa atividade pode ser aliada à atividade anterior.

Quando usar? A sugestão é chamar o/a convidado/a depois de conversar bastante com a turma, depois que as perguntas já foram pensadas. Lembrando que para ouvir a outra pessoa, é preciso vontade de saber. A turma precisa estar interessada nessa ferramenta.



Casos da grande mídia

Processo: Assimilação de notícias com as nossas temáticas veiculadas na grande mídia (pode ser casos da telenovela, de comoção nacional), manifestações (Marcha das Vadias), etc. A partir de um fato ou ação que esteja no senso comum, trazer um debate que rompa com o *status quo*. O objetivo aqui é transformar situações efêmeras em processo, em reflexão e, a partir disso, produzir algo artístico para que seja feito um portfólio da turma a ser exposto.

Sugestão de materiais: Cartolinas ou folhas A4 coloridas, grandes tecidos de TNT, tinta guache ou o material artístico que mais interessar a turma.

Proposta: A escolha dos “casos” precisa ser feita a partir do que se ouve entre os/as jovens, é possível sugerir, mas quem

escolhe são os/as educandos/as. A partir da escolha é possível pensar qual filme se relaciona com tal fato, pensar qual momento histórico pode estar relacionado a ele, em qual território geográfico ele pode se encaixar, quais os impactos ambientais e sociais, e como o resultado das reflexões da turma poderia produzir materiais artísticos para elaborar uma exposição.

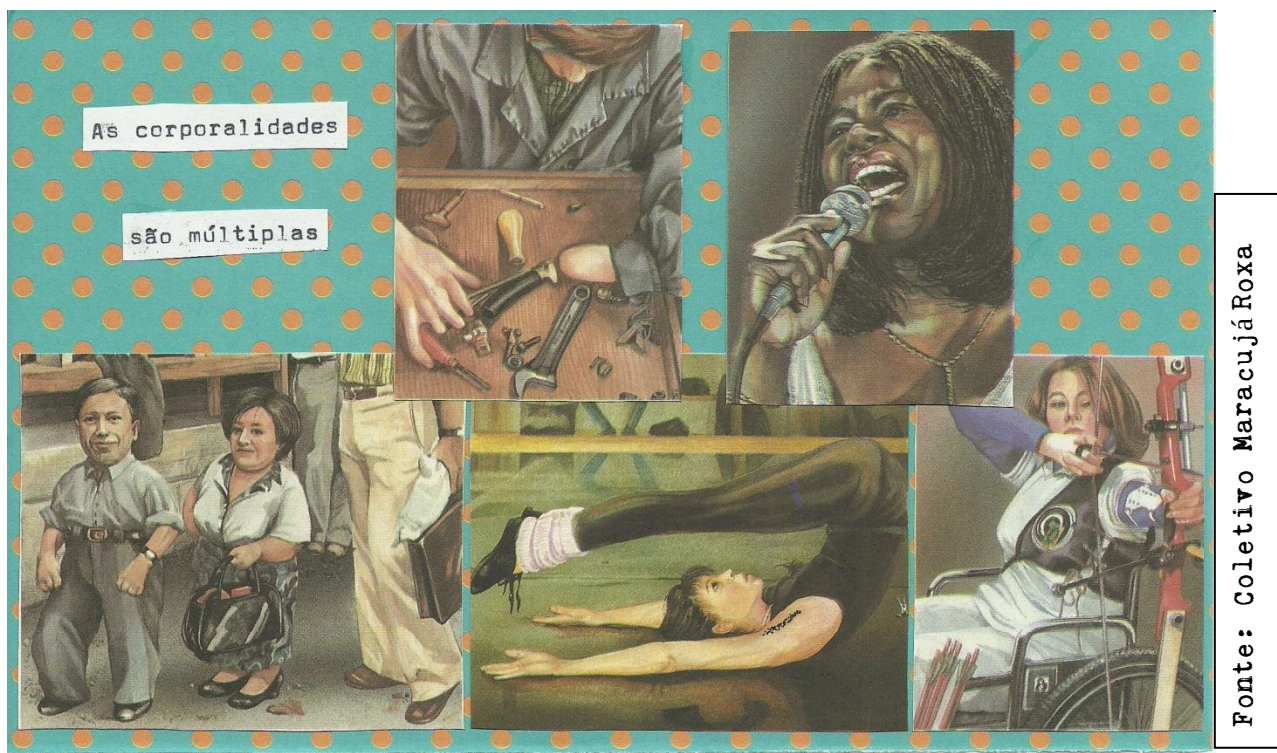
Quando usar: Como ferramenta transdisciplinar e também como criação de projetos.

Exemplo: Percebeu-se que em determinada turma, alguns jovens estavam desenhando os símbolos da suástica, falando sobre nazismo e Hitler. Houve a oportunidade de oferecer mais informação sobre o tema, e todos/as concordaram com entusiasmo. Alguns

Fonte: Coletivo Maracujá Roxa

sugestionaram filmes, e perguntou-se se já conheciam “A outra história Americana”, com Edward Norton de (1998), e o nacional “Olga” (2004). Ninguém conhecia os filmes. O momento histórico visivelmente era o Nazismo e a Segunda Guerra Mundial, por consequência o ódio e extermínio de corpos não brancos-arianos e não heterossexuais, em território europeu, de grande impacto ambiental e social. Aqui é possível perceber o caminho dessa ferramenta, pois o disparador são os filmes onde são colocados discursos históricos. A informação, nesse caso, sobre o que é uma suástica se complexificou quando ampliamos suas consequências, e, mais, quando foi observado com o olhar de gênero

os/as personagens e roteiro. Após as seções de filme, pode ser realizada uma dinâmica em que cada participante retira de uma caixinha frases de personalidades famosas, ligadas ao contexto trabalhado (Che Guevara, Olga Benário, Gandhi, poetas e artistas brasileiros). Todo mundo pode ler uma frase e também ser incentivado/a a escrever a sua própria frase. Como fechamento, a proposta pode ser (para uma turma mais tátil) representar as mãos de todos os corpos mortos por não serem nem brancos-arianos, nem heterossexuais, e expor em varal no pátio. Já para uma turma mais engajada, grafitar - uma ideia é usar o spray para escrever a sua própria frase no tecido de TNT e pendurar no pátio.



Dinâmicas corporais

Processo: A partir das falas, referências e exemplos que os/as estudantes trazem, levantar um debate sobre a construção dos corpos engajada às determinações culturais e temporais. Para tanto, usar as imagens e exemplos de padrões de beleza de diferentes culturas e etnias para demonstrar como estes se alteram significativamente dependendo do contexto. É possível usar também imagens de diferentes épocas referentes, unicamente, ao padrão de beleza europeu (atualmente o hegemonicamente veiculado no contexto em que vivemos), observando a historicidade e as alterações pelas quais este padrão passou. Ao observarmos essas variações, tanto culturais como temporais, fica mais fácil compreender como esses padrões, muitas vezes dados como “naturais” ou como algo que “sempre foi

assim”, são, na verdade, construídos cotidianamente através da produção, reprodução e assimilação de imagens de determinados tipos de corpos. Ao nos darmos conta de como esses modelos são construídos, torna-se possível e mais palpável a desconstrução de frases reducionistas ou essencializantes, tanto sobre padrões de beleza como também sobre padrões de feminilidade e masculinidade.

Sugestões de materiais: Cabo de vassoura, barbante ou tecido, o que mais estiver disponível, e criatividade. Imagens de outras culturas e imagens que representem padrões de beleza de outras épocas. Por exemplo, no século XV o corpo feminino gordo era tido como bonito e saudável, enquanto o magro indicava doença e, por consequência, feiura.

Outra situação que pode ser mencionada é a história do surgimento do salto alto. Segue um resumo: este item foi criado por um homem para facilitar o cavalgar, ou seja, na época era um artigo de vestuário masculino, no entanto, atualmente, é considerado algo exclusivamente do vestuário feminino. (Também sugerimos fazer uma pesquisa sobre pessoas que na atualidade rompem com o binarismo de gênero - por exemplo **Shiloh** a filha de Angelina Jolie e Brad Pitt, que possui uma expressão de gênero masculina -, ou mesmo modelos que fogem ao que é comumente visto como belo - modelos negros/as, modelos plus size -, e trazemos também como exemplo as cantoras Viktoria Modesta e Nomy Lamm, ambas com próteses em seus corpos que nos fazem refletir sobre o capacitismo. Essas imagens podem nos auxiliar a pensar sobre os outros usos possíveis do corpo.).

Proposta: O exercício busca propor aos/às alunos/as novas formas de se movimentarem e, conseqüentemente, de usarem e experimentarem seus corpos. Após refletir sobre a construção de padrões hegemônicos de corporalidade e comportamento, é hora de estranhar o próprio corpo. Por exemplo, é possível pedir que os/as estudantes amarrem seus joelhos um ao outro e que caminhem, ou

mesmo que atem um cabo de vassoura de forma que a perna fique toda reta e pedir para que experimentem essa outra forma de andar. É interessante abrir a escuta para os/as estudantes e tentar refletir sobre como não só os padrões de comportamento e de corporalidade, mas também as nossas roupas e a própria arquitetura moldam a nossa forma de nos movimentarmos.

Dica: Ao realizar uma atividade em que se tenha que separar uma sala em grupo, ao invés da clássica divisão “meninos x meninas”, propor a seguinte divisão para sair do binarismo: “Quem gosta de sorvete de morango aqui, e quem gosta de flocos ali!” ou ainda, “Quem prefere o filme crepúsculo aqui e quem gosta de Jogos Vorazes lá.”, isso são apenas alguns exemplos.

Alerta: Problematizar ao máximo como as normas corporais de gênero e de beleza são construídas, como as nossas roupas modificam a nossa forma de andar e limitam certos movimentos, como a mídia tradicional é responsável pela veiculação quase exclusiva de um corpo magro, branco, heterossexual, sem deficiências, inserido nas matrizes de gênero.

Quando usar? Em uma atividade externa, em quadra ou no pátio do colégio.

3 Compartilhando caminhos metodológicos

3.1 Quadrinhos, ilustrações e tirinhas

O uso de história em quadrinhos e tirinhas em ambientes educativos pode adquirir um caráter transdisciplinar. Isso porque é possível entender essas ferramentas da comunicação alternativa como tendo “multilinguagens”. Pensando em sua estrutura geométrica é interessante observar sua interação com a matemática e geometria, enquanto que seus diálogos interagem com o português e literatura. Sua produção e criação podem ser realizadas nas aulas de artes. Dependendo do enredo é possível também utilizá-las para disseminar as temáticas aqui incentivadas. A seguir algumas tirinhas e ilustrações que selecionamos. Para usá-las é só xerocar – ou até mesmo recortar – e levá-las para a sala:



Fonte: amptoon.com



Fonte: SATRAPI, M., **Persépolis**. Local: Cia das Letras, 2007.



Fonte: Facebook André Dahmer



Fonte: Blog Guillermo Decurgez)





Fonte: Página Negahamburger

Fonte: Bruna Morgan



Fonte: Gbrl Pires



Fonte: Página Sisterhood of sis

3.2 Fanzines



Fonte: Coletivo Maracujá Roxa

Fanzines, ou zine (como também são conhecidos), são pequenos informativos alternativos parecidos com Literatura de Cordel, de baixo custo (pois é de publicação autônoma e de livre reprodução com fotocópias). Possui em suas folhas uma estética própria que se aproveita da variação de tons do cinza ao preto e, nos originais, apresenta colagens coloridas, pequenos elementos de papelaria e recortes com sobreposição de imagens; **tem como principal característica a criticidade.**

A palavra “zine” vem de magazine, tendo uma conotação alternativa e crítica. Essa definição de fanzine é inspirada nos autores Downing (2004) e Guimarães (2007). Já com uma interpretação mais subjetiva, Gabriela Gelain (2013) nos conta que produzir os fanzines é um projeto pessoal, e afirma que com os zines é possível compartilhar, sentir autosatisfação, recarregar a autoestima e proporcionar intercâmbio cultural-sentimental. Como foi popularizado – aqui no Brasil - dentro do movimento artístico musical punk de São Paulo, na década de 1980, os fanzines atingem sua marca de ferramenta empoderadora e, com isso, nos incentivam a trabalhar em ambientes educativos - formais ou não formais - tais aspectos subjetivos, como a autora bem destacou.

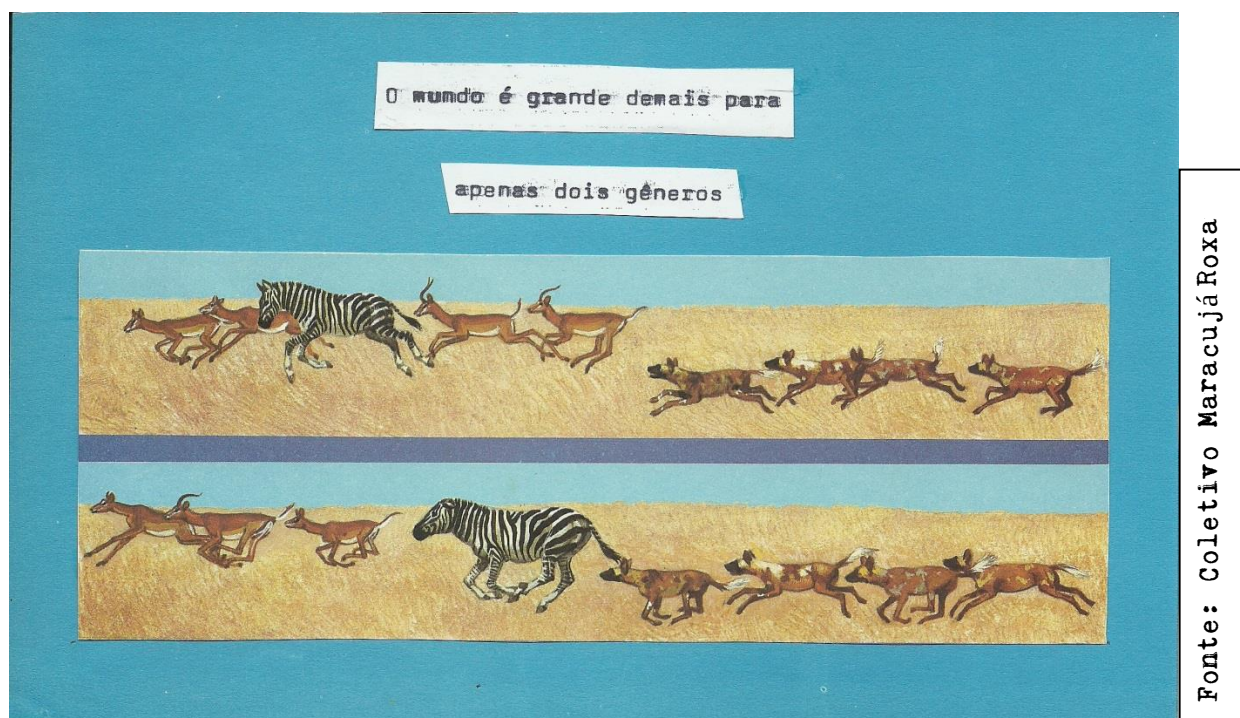
Nesse sentido, a produção desses informativos alternativos possibilita trabalhar uma técnica artística chamada colagem, muito utilizada durante o período artístico Dadaísta na década de 1920

em território Alemão. O mais interessante desse instrumento é sua potência de projeto, mas sem desconsiderar seu aspecto mais comum: o artístico subversivo.

Para pensar os fanzines em formato de projeto pedagógico, vamos trazer uma descrição de uma experiência em que os zines foram conquistando turmas do Ensino Fundamental e acabaram por despertar interesse do Ensino Médio também. Além disso, o projeto acabou por estabelecer pontes entre as disciplinas de Geografia, Artes, Língua Inglesa, Português, Matemática e Educomunicação².

² Para saber mais sobre o tema, ver : Evanise Gomes (2014).

3.3 Fanzines como projeto educativo



A primeira ação a ser tomada para que os zines façam parte de projetos educativos é pensar a longo prazo. Isso quer dizer que a produção e confecção dos informativos serão a última atividade a ser desenvolvida. Tendo isso em mente, é possível optar por uma grande temática, como, por exemplo, a criticidade. A noção de que o foco é desenvolver criticidade nos/as participantes é importante, pois o formato fanzine é livre, e o projeto pode se perder caso não se obtenha um foco desde o início. Esse entendimento da grande temática está muito mais atrelado à própria professora ou professor, do que aos/às educandos/as envolvidos/as.

A seguir trazemos um exemplo de esquema de atividades com a produção de fanzines a ser estendido por um semestre inteiro, ao invés de apenas algumas aulas pontuais. Lembrando que aqui estamos apenas proporcionando ideias disparadoras, tendo que sempre ser observada a realidade em questão e o perfil tanto do ambiente educativo como dos materiais disponíveis e da turma em que se pretende realizar a atividade. Segue o esquema de atividades dividido em 2 etapas.

Observação: Ao longo da produção dos zines, trazer criticidade para o processo também é importante, como, por exemplo, nos atentando para a presença quase exclusiva (senão exclusiva) de pessoas brancas e magras nas revistas utilizadas para fazer os recortes. Aguçar a percepção e a criticidade ao longo da elaboração do zine é essencial para produzir um material que, no final, apresente uma construção crítica da temática proposta.

Etapa 01

Durante esse período que pode vir a ser de 1 semana, ou 1 mês, é importante notar que o projeto deve ir se aproximando de linguagens que dialoguem com os fanzines. Isso pode ser feito através de um filme disparador, imagens que mostram o fanzine, ou quando um professor/a é convidado para contar a sua experiência com esses informativos (chegando a mostrar o que produziu) - caso isso não seja possível, há na internet muitos modelos que podem ser impressos. A partir daí, vemos que imagneticamente a apresentação visual já mostra os contrastes de cores preto e branco e alguns toques coloridos, e a apresentação de um filme permite retomar o a linguagem de história em quadrinhos, bem próxima dos fanzines.

Para finalizar essa etapa, é possível começar a interagir e conversar:.. “Qual vai ser o seu tema? E quais papéis você quer utilizar?”. Perguntas como essas ajudam na produção. No final desse momento, já se começa a produzir o Fanzine #1.

Itens da Etapa 01:

- Exibição de filmes³ que dialoguem com a linguagem Fanzines.
- Bate-papo com o alguém da comunidade escolar que já tenha feito fanzines, para dizer melhor como e porque o fez.
- Apresentação de Power Point sobre a história dos fanzines; fotos e modelos dessa mídia.
- Escolha do tema geral a ser produzido. E fomentação à pesquisa de imagens e frases;
- Pesquisa sobre os temas escolhidos na Biblioteca ou sala de informática.

- Anotações e separação de materiais encontrados para a produção de fanzines
- Para entender a linguagem Fanzine, apresentar diferentes modelos de fanzines.

Produção do Fanzine #1 como teste. Esse primeiro fica com os/as participantes. Lembrando que para produzir um fanzine por completo precisamos de, em média, 3 horas. Por isso é importante dividir essa atividade. É possível utilizar o passo a passo do #2 já na execução do #1. Fica a critério do/a professor/a.

^{3 3} Sugestionamos a seguir alguns filmes utilizados em projetos anteriores: *Sin City* (2005), *The Spirit* (2008), *Animatrix* (2003), mas é possível também exibir filmes com traço de anime (animação Japonesa) ou outros inspirados em quadrinhos. O importante é que o filme traga o debate sobre as cores e contrastes entre branco, preto e traços de HQ. Entendemos que os filmes citados não apresentam necessariamente debate sobre as questões de gênero (o que pode também ser problematizado na exibição), entretanto nos servem como linguagem a exibir imagneticamente o tema fanzines. É possível ainda levar apenas alguns trechos que ilustrem a temática.

Etapas 02

Para essa etapa, a ideia é unir as temáticas de outras disciplinas, ou não, para a produção do Fanzine #2 – esse por ser o segundo a ser produzido será um pouco mais fácil de realizar, porque a ideia geral do que é um fanzine já estará melhor compreendida pelos/as estudantes. É preciso deixar nítido desde o início que esse Fanzine #2 será exibido na exposição final.

A exposição dos fanzines pode ser no mesmo estilo dos Cordeis. Estica-se um barbante, prende-se os fanzines com prendedores de roupas (que também pode ser trabalhados artisticamente) e no final da carreira de zines pode-se colocar uma folha A4, de gramatura mais grossa, com as informações da exposição (Exposição de Fanzines, ano tal. Pegue, leia e devolva.), ou até uma frase explicando rapidamente o que são os zines. É importante que esse varal seja montado em lugar de passagem, de acesso, onde outras pessoas da comunidade escolar possam visualizá-lo.

Itens da Etapa 02

- 1- Distribuição de folhas A4, exibição e montagem a partir de modelo aqui fornecido. Incentivar a colocar o nome e ano na capa.
- 2- Distribuição de revistas (se possível já observar as imagens, selecionar algumas, levar impressões de imagens relacionadas ao tema). Montagem de ilhas com materiais compartilhados (tesouras sem ponta, fitas coloridas, giz de cera, durex e outros materiais secos).
- 3- Hora de recortar e colocar todas as imagens dentro do fanzine.
- 4- Em outro encontro, devolver para cada participante seu fanzine para a escrita e criação do título do fanzine na capa, frase de despedida na contracapa e das frases que irão por dentro.
- 5- Colagem e Arte final – distribuir as colas, materiais de papelaria e canetas coloridas (ou lápis de cor – ou até pedir para a turma levar os materiais que mais gosta) e auxiliar os/as estudantes na finalização do fanzine #2.

É interessante notar que a professora que desenvolveu esse projeto acabou transgredindo as barreiras entre as disciplinas. Isso porque, como o #1 fica com as/os estudantes que produziram o zine, houve uma conversa pelo ambiente escolar a respeito do que tinham produzido, além da liberdade de xerocar e distribuir para colegas e professores/as de maior afinidade. O processo ao longo de 1 semana, 1 mês ou 1 semestre, foi materializado, houve um fechamento e pode ser sentido e visualizado como produção própria. Foi colocado também no mural compartilhado entre as professor/as um dos fanzines produzidos, além de uma página impressa explicando em poucas palavras o que era e como podia ser utilizado como ferramenta comunicativa integrativa, tornando orgânicas as discussões, teorias e temas sociais em formato de papel, recortes e xerox.

A seguir, trazemos uma sugestão para fácil elaboração de um minizine.

3.4 Como fazer um minifanzine (pode recortar essa página!)

INSPIRADO NO MINIZINE "KEEP IT REAL KEEP IT D.I.Y." DO COLETIVO PAPERCUT
 DA CIDADE DE CAMBRIDGE-USA

COMO FAZER UM MINI FANZINE!!

MATERIAIS:
 - papel A4
 - estilete

1- Dobre o papel ao meio ao comprimento (estilo hotdog)

2 - Dobre o papel ao meio novamente (estilo hambúrguer)

3- Dobre o papel ao meio mais uma vez.

4- Desdobre o papel. Ele deve ter agora 8 seções retangulares

5- Pegue o estilete (ou a tesoura, o que você achar que funciona melhor) e corte, ao longo e entre os dois pontinhos demarcados. (Fig. A)

6- Dobre o papel ao longo dessa mesma linha (estilo hotdog)

7- Agora dobre as páginas de modo que o meio apareça, basicamente formando uma cruz (fig. B)

8- Eis o seu ZIIIIINE!

Encha as páginas com o que você quiser, copie, e distribua

→ SAM CHIVERS

→ ARZU SENDAG

The diagram illustrates the process of creating a minifanzine. It starts with a bicycle illustration. A grid is shown with numbers 1 through 6 indicating fold lines. The grid is divided into 'FRENTE' (front) and 'VERSO' (back) sections. A 3D diagram labeled '(fig. B)' shows the paper folded into a cross shape. A final illustration labeled '(fig. A)' shows the completed minifanzine with monkeys on it, and the text '→ SAM CHIVERS'.

4 Na ponta da língua



Fonte: Tumblr imagens

Nessa seção separamos algumas frases/situações que podem servir de inspiração para enfrentar ou rebater dinâmicas cotidianas que envolvam racismo, trans-lesbo-homofobia e gordofobia em ambientes educativos. Sugerimos também a troca de ideias entre os/as próprios/as professores/as para gerar tanto uma conscientização como um melhor entendimento dessas categorias.

1- Na sala de aula surge uma pergunta:

- Professor/a, você já beijou meninos/as? (dando exemplo de uma situação homoafetiva)
- Beijar meninos/as não é problema nenhum, o problema é querer e não fazer.

2- Na sala de aula você ouve de longe:

- Sai daqui seu “bichinha”!
- Você pode intervir na mesma hora e dizer que ser “bicha” não tem problema nenhum, e que por isso não pode ser usado como um xingamento.

3- Em uma conversa:

- Não é preconceito, eu só acho errado.
- Errado é impedir a liberdade de outras pessoas.

4- Em uma situação de *bullying*:

- Mas eu só queria saber se ele/a é menino ou menina!
- Tem coisas que não são pra você saber; e você acha que só existem essas duas formas de existir no mundo?

5- Em uma atividade envolvendo recortes (ou pesquisa de imagens/fotografias):

Você se depara com representações imagéticas brancas em quase todos os trabalhos. Percebeu que nenhuma foto/imagem/estilo de vida fez referências à diversidade racial/étnica. É possível, então, chamar a atenção dos/das estudantes:

- Percebi que vocês, na maioria, trouxeram representações brancas em seus trabalhos; o que está faltando neles? E por que só encontraram essas? Vamos refazer a tarefa e elaborá-la com outras imagens, símbolos e objetos culturais que representem a pluralidade dos corpos.

Obs.: Ficar atento/a a comportamentos e situações de racismo velado e chamar atenção da turma quando identificar isso, problematizando os estereótipos e estigmas para ajudar a reformular positivamente o imaginário sobre identidades étnicas não brancas.

6- Sobre cabelos anelados e não normativos:

- Professor/a, queria ter o cabelo como o de fulana...
- Mas por quê?
- Porque acho o meu cabelo feio e ruim.
- Tem uma música da Munegrade, que é um trio de *rap* feminista, que diz assim: “você não sabe como é bom o meu cabelo, ruim é você e o seu preconceito”.

7- Na Educação Física, momento da escolha de times:

Educando/a 1: - Ai professor/a, eu não quero escolher aquele/a gordo/a.

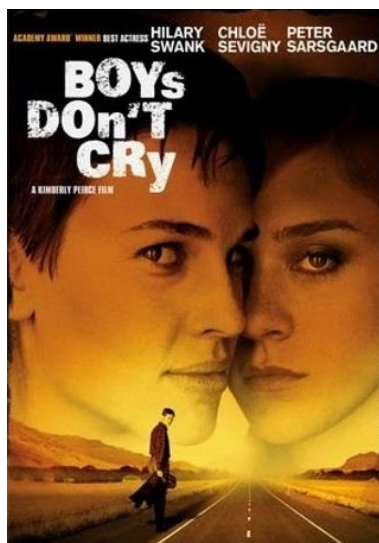
Educando/2: – Mas ela nem é tão gorda assim...

Professor/a: - Gente, por que vocês não jogariam no mesmo time que ele/a? Vocês sabiam que em vários esportes ele/a seria o/a primeiro/a a ser escolhido/a? (Caso o/a estudante pergunte quais seriam esses esportes, alguns exemplos que podem ser citados são: *Roller Derby*, Levantamento de peso, Arremesso de peso, artes marciais, etc.) E mais, ser gordo/a não é problema nenhum, é só mais uma característica corporal. Olhem em volta como os corpos de cada um de vocês são diferentes um do outro. (Ao reafirmarmos que o corpo é gordo sim, positivamos essa palavra e, além disso, rebatemos a ideia de que ser chamada de gordo/a seria um insulto, pois não existe um tamanho a partir do qual as pessoas mereçam ser maltratadas.)



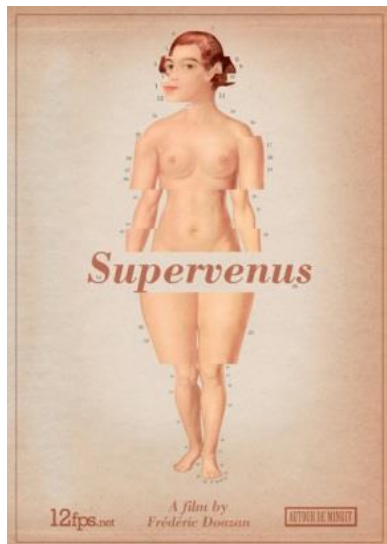
Carla Duarte 2015

5 Dicas de Filmes⁴



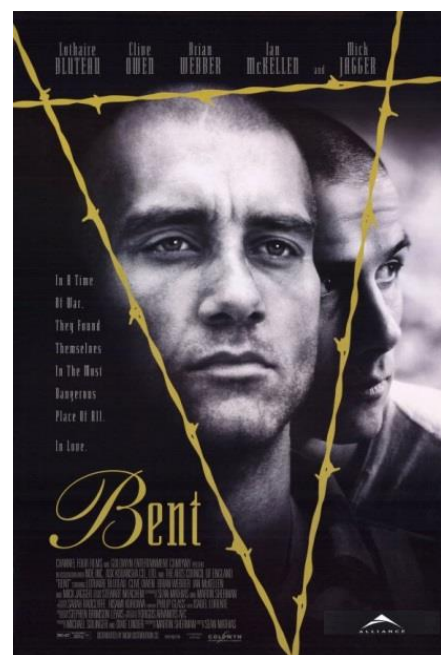
Meninos não choram
(1999), EUA.
Palavras chave: Identidade. Homem. Trans. Violência de gênero. História real.

We are the Best (2013), Suécia.
Palavras chave: Escola. Punk. Relacionamentos. Conflitos. Adolescência.



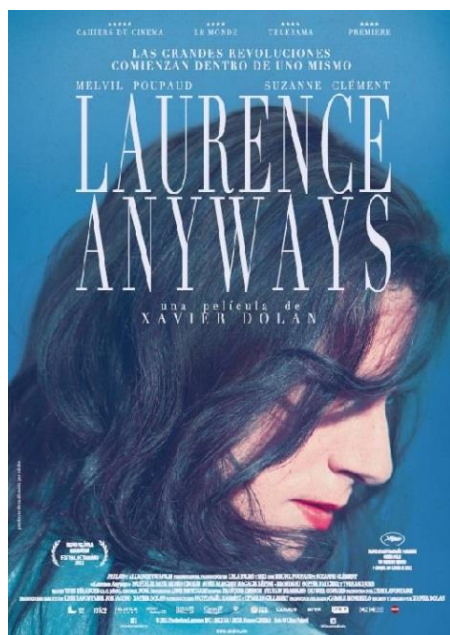
Supervenus (2013), França.
Palavras chave: Animação. Padrão de beleza. Anatomia. Indústria da cirurgia plástica.

Bent (1997) – Britânico/Japonês.
Palavras chave: Regime nazista. Homossexualidade. Gay. Violência homofóbica.



⁴ As imagens utilizadas nesse item “Dicas de filmes” foram retiradas do google imagens.

5 Dicas de Filmes



Laurence Anyways
(2012), Canadá.
Palavras chave:
Identidade. Mulher.
Trans. Liberdade.
Escola.
Relacionamento.



Preciosa (2009), EUA.
Palavras-chave: Gordofobia. Escola. Gravidez na
adolescência. Abuso. Violência psicológica e de
gênero. Esperança. Raça. Etnia. Família normativa.

Terra Vermelha
(2008),
Ítalo/Brasileiro.
Palavras chave:
Comunidade indígena.
Suicídio coletivo.
História real.
Conflito. Violência
de gênero. Embates
culturais. Raça.
Etnia.
Relacionamento.
Conflito.



Lista rápida: *Minha vida em cor de rosa* (1997, Europeu/longa), *Tomboy* (2011, Suíça/longa), *Circumstance* (2011, Irã/longa), *Itty Bitty Titty Committee* (2007, EUA/longa), *Kátia* (2012, Brasil/Documentário), *Vista a Minha Pele* (2004, Brasil/curta metragem), *Cores e Botas* (2010, Brasil/curta).

6 As autoras

Sobre as organizadoras do Projeto:

Camila Olivia de Melo (Puni) é fanzineira, mestra em Comunicação pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2014). Especialista em Comunicação e Imagem também pela UFPR. Cria e produz, desde de 2000, Arte-fanzine na estética *riot grrrl*. Publica anualmente o poezine “*grrrito mouco*”. É professora-tutora do curso de especialização em Gênero e Diversidade na Escola pela UFPR-Litoral e dedica-se, atualmente, à mídia alternativa, à performance artística, ao corpo e à subjetividade, aos Estudos de Gênero e Queer.

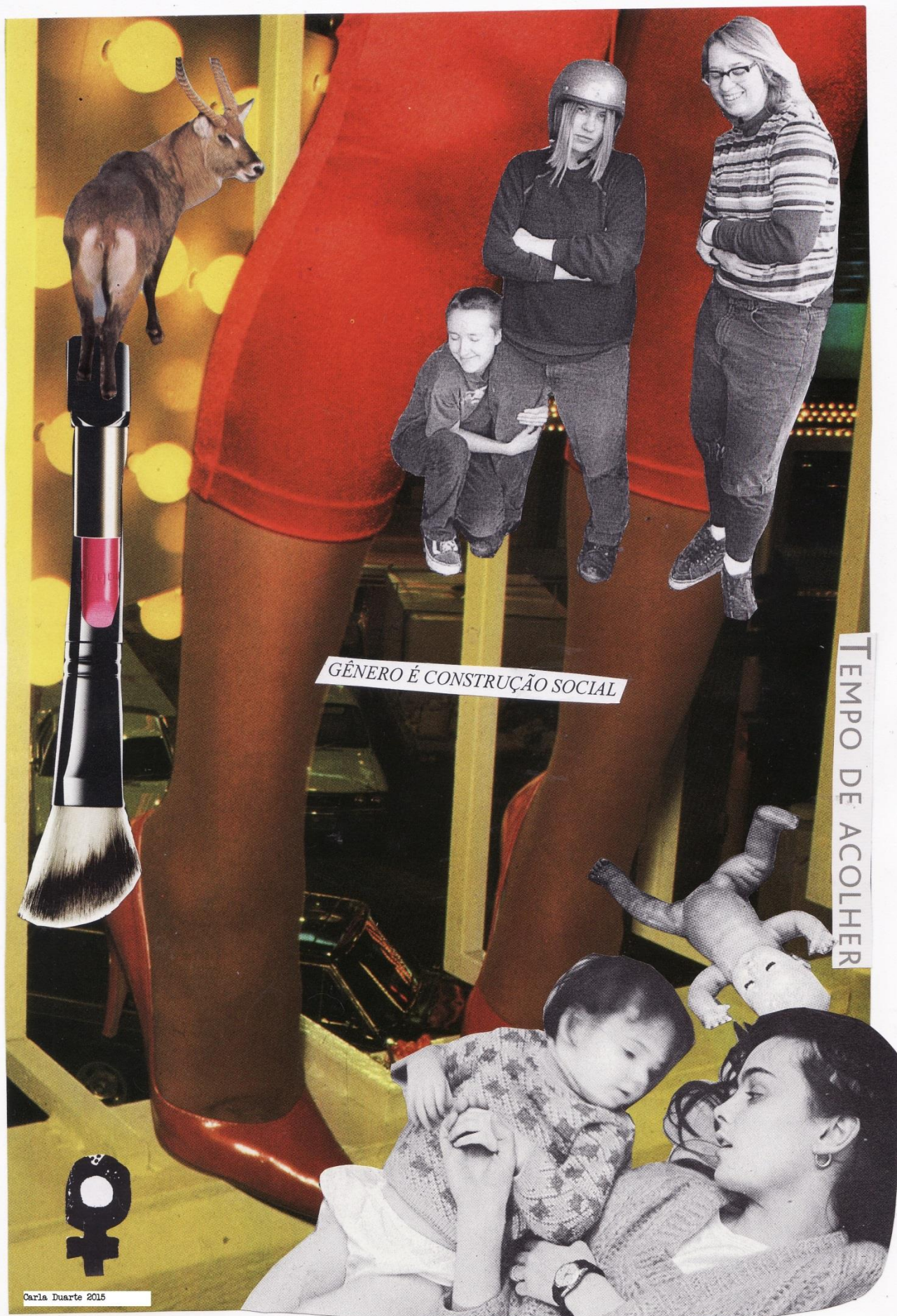
Contatos: camilamelopuni@gmail.com – camilapuni.tumblr.com

Halina Rauber Baio é graduada em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Paraná - UFPR (2013) na linha de Antropologia. Pesquisadora na área de Antropologia do Corpo, Estudos de Gênero e Estudos Queer e Ficção Científica. Publica anualmente o fanzine “*Body Storm – Ciborgue de Pele*”, além de produzir colagens com temáticas feministas.

Contatos: halinarauber@gmail.com – grrricha.tumblr.com

Carla Duarte é fanzineira, blogueira, produz colagens e é graduada em Jornalismo pelo Centro Universitário Barra Mansa - UBM. Atualmente atua na área de mídia sociais. Há dez anos faz zines, sendo os mais recentes: “*Histórica*” e “*Ainda Não*”. Escreve sobre *Riot Grrrl* e feminismo para o blog *Cabeça Tédio* e já colaborou com o fanzine norte-americano “*International Girl Gang Underground*” e “*FEM Magazine*”.

Contatos: carladuarteee@gmail.com – ansia2.blogspot.com.br



Carla Duarte 2015

Referências

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

DOWNING, John. **Mídia radical: rebeldia nas comunicações e movimentos sociais**. São Paulo: Senac, 2004.

GELAIN, C. Gabriela. **Consumo de mídia e subcultura zineira**. 2013. 198f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Comunicação Social) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Habilitação em Jornalismo (UFSM), 2013.

GOMES, Evanise. R. **A educomunicação e o fortalecimento de vínculos sociais e afetivos: A experiência nos Centros de Referência de Assistência Social de Curitiba**. 2014. 174 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Programa da Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal do Paraná (UFPR), 2014.

GUIMARAES, E. **Fanzine**. São Paulo: Nona Arte, 2007.

UMA FEMINISTA CANSADA. (Blog) Disponível em: <http://www.feministacansada.com/tagged/gordofobia> >. Acesso em: 12/01/2015.

Sugestão de vídeo a respeito de capacitismo, disponível em:

<http://youtu.be/hQCH62QdggU> - acesso em 12/01/2015

Sugestão de vídeo sobre cabelos anelados e sua passagem pela história, disponível em:

http://youtu.be/LTp9c9bsY_Q - acesso em 12/01/2015

Sugestão de página da **Bruna de Paula** (cultura upload) onde é possível encontrar poesias incríveis. Segue a descrição: “Mulher preta, feminista, black power. Escrever é que o me move e é assim que quero mover o mundo.”, disponível em:

<https://pt-br.facebook.com/culturaupload> - acesso em 29/01/2015

quem
aparece na
capa?

Didática-zine



16

mais bicicletas

crítica

fruta-cor

skate

grafite

meditação

aquarela

Alice Ruiz
Amelia Earhart

Angela Davis

Chloe Lorde

Beatriz Preciado

Donna Haraway

Frida Kahlo

Gal Costa

Joan Tett

Judith Butler

Kathleen Hanna

Laerte Coutinho

Marina Abramović

Nina Simone

Nomy Lamm

Paga

corpos múltiplos

experiência

flor de lótus

frases curiosas

arte subalterna

TV não youtube sim

16
não sou obrigada

feminista

